

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

CONSUMAÇÃO DO REINO: OS EVANGELHOS SINÓPTICOS E A VIDA APÓS A MORTE

Consummation of the Kingdom: The synoptic gospels and life after death

Rosângela Ferro Dias Teck de Gamba¹

RESUMO

A temática “Consumação do Reino: o que os sinópticos dizem sobre a vida após a morte” é uma reflexão que surge de uma preocupação diante da ênfase dada a algumas tradições e rituais que perpetuam certas crenças sobre a vida após a morte entre os ovimbundos.² A questão que se coloca é: o que os evangelhos sinópticos ensinam sobre a consumação do reino de Deus e como estes ensinamentos podem ajudar os crentes ovimbundos a vencerem o medo do reino das trevas. Um dos aspectos importantes da cosmovisão dos ovimbundos é a busca da harmonia entre o mundo físico e visível e o espiritual e invisível. O cristianismo evangélico parece não ter ensinado claramente a respeito da soberania, amor e justiça de Deus sobre todos os seres, deixando uma brecha para que os rituais mágicos sejam continuados e tidos como práticas normais. Este artigo pretende fazer um estudo sobre os ensinamentos de Jesus nos Evangelhos Sinóticos. Destacando a instauração e consumação do reino de Deus, abordará os aspectos positivos das crenças que os ovimbundos têm sobre Deus, a vida e a morte e confrontará algumas tradições que não vão de encontro com os princípios bíblicos de Jesus sobre o reino do Pai. Este artigo espera contribuir para um despertar e fortalecimento da fé nas promessas de Jesus sobre o Reino de Deus e sua consumação.

Palavras-chaves: Evangelhos sinóticos. Reino de Deus. Vida após a morte. Ovimbundos. Tradições.

¹ Aluna do Mestrado Profissional em Teologia, das Faculdades Batista do Paraná. Missionária da Junta de Missões Mundiais da CBB em Angola desde 1991 e professora de Missões e Educação Cristã no Seminário Teológico da Convenção Batista de Angola, na cidade do Huambo. E-mail: rosangelateck@gmail.com

² Grupo étnico linguístico que povoa o centro sul de Angola.

ABSTRACT

The essay is a reflection that arises out of a concern before the emphasis given to some traditions and rituals that perpetuate certain beliefs about the afterlife among the Ovimbundu. The question at hand is: what do the synoptic gospels teach about the consummation of the Kingdom of God and how can these teachings help the Ovimbundu believers defeat the fear of the kingdom of darkness? One of the important aspects of the worldview of the Ovimbundu is the search for harmony between the physical and visible and the spiritual and invisible. The evangelical Christianity seems to not have taught clearly concerning sovereignty, love, and justice of God above all beings, leaving a gap allowing magical rituals to happen as if they were normal practices. This article intends to do a study about the teachings of Jesus inside the synoptic gospels pointing out the establishment and consummation of the Kingdom of God; Positive aspects about the beliefs Ovimbundu have about God will be approached, as well as life and death in order to confront some traditions that do not go according to the biblical principles of Jesus about the Kingdom of Father. This article is intended to contribute to an awakening and fortification of the Faith of people in the promises of Jesus about the Kingdom of God and its consummation.

Keywords: Synoptic gospels. Kingdom of God. Afterlife. Ovimbundos. Traditions.

INTRODUÇÃO

Muitos povos têm crenças sobre a vida e vida após a morte. Estas crenças são resultado de seus pressupostos mais profundos sobre Deus, o homem e a criação. Uma das maiores preocupações do ser humano está relacionada à preservação da vida na terra e sua continuidade na eternidade; sobre a vida e a vida depois de sua morte.

Quando se tem uma compreensão correta do reino de Deus ensinado por Jesus nos evangelhos sinóticos, é possível confrontar os pressupostos culturais que oprimem os povos e os escravizam a tradições contrárias à natureza do Reino. Os ovimbundos, povo que vive na região centro sul de Angola, recebeu o evangelho do reino, mas preservou tradições que denotam falta de compreensão profunda em relação a alguns pressupostos ensinados por Jesus sobre o reino do Seu Pai. É importante perceber que o povo ovimbundo já tinha pressupostos que ajudaram na percepção de alguns princípios do reino, mas que ainda está preso àqueles que vão contra os princípios do Reino de Deus.

Os crentes ovimbundos como os crentes pertencentes a qualquer outro povo que recebeu o evangelho do reino, precisam libertar-se de todas as tradições e temores que são influências diabólicas na cultura, depositando sua confiança e obedecendo aos princípios ensinados por Jesus.

1. INSTAURAÇÃO DO REINO DE DEUS NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

“O reino de Deus é o centro da mensagem do Novo Testamento.”³ Por isto é necessário compreender o significado do reino de Deus. Segundo Kunz:

³ DOCKERY, D. (edit). **Manual bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 613.

O Reino de Deus é o domínio redentor de Deus, ativo dinamicamente, visando estabelecer seu governo entre os homens e que este Reino, que aparecerá como um ato apocalíptico na consumação dos tempos, já entrou para a história humana na pessoa e missão de Jesus com a finalidade de sobrepujar o mal, de libertar os seres humanos do seu poder e propiciar-lhes a participação das bênçãos da soberania de Deus sobre suas vidas.⁴

É interessante a colocação de Kunz de que o Reino de Deus é o domínio redentor de Deus, trazendo o homem de volta, libertando-o de poderes opressores e dando-lhe novamente a bênção de confiar na sua soberania. Esta libertação só pode acontecer através da missão de Jesus.

Hodge chama o Reino de Deus de Reino de Cristo:

É em virtude de ele ser igual a Deus, 'a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz', que Deus também o exaltou sobremaneira, e lhe deu o nome que está acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus e na terra e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai'. Todo o poder no céu e na terra foi entregue em suas mãos; e todas as coisas, *τα παντα*, o universo, foram postas debaixo de seus pés. Inclusive os anjos são seus espíritos ministradores, enviados por ele para ministrar àqueles que hão de ser os herdeiros da salvação.⁵

Vale ressaltar que Jesus é Deus que se fez homem para vir a ser Senhor de nossas vidas, glorificando, assim, Deus Pai. O Reino de Jesus é o Reino de resgate do que pertence ao Pai desde a eternidade. O reino de Deus, inaugurado por Jesus, deu continuidade ao plano redentor prometido a Abraão e ratificado através da aliança com a nação de Israel. Kunz esclarece a necessidade desta inauguração sobre a terra através do cumprimento da vinda do Messias ao mundo. Afirma, ainda, que o reino de Deus, inaugurado por Jesus, se apresenta de duas formas: o reino presente e o reino escatológico. O Reino presente é "o poder real de Deus atacando o domínio de Satanás e libertando os homens do poder do mal". O reino escatológico é o fim desta era presente e inaugurará a era vindoura quando haverá a comunhão perfeita com Deus e destruição total do diabo e seus anjos quando Jesus voltar (Mt 25.41).⁶

1.1 O Reino presente

O Reino presente, inaugurado por Jesus quando irrompeu a história da humanidade, cumpriu e continua cumprindo todos os propósitos do Pai. Jesus veio para libertar os homens dos poderes do reino das trevas, para chamar os pecadores ao arrependimento e para estabelecer um compromisso com seus discípulos. Jesus também se importou em estabelecer um relacionamento com os que o receberem e se tornarem participantes deste reino cujas

⁴ KUNZ, Claiton. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 40.

⁵ HODGE, Charles. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1648 e 1649.

⁶ KUNZ, 2014, p. 39

características são novidade, diferenciação e onde os súditos servem uns aos outros. Para tanto, Jesus veio para reinar nas vidas dos que o receberem.

1.1.1 Jesus veio para libertar dos poderes do reino das trevas

Jesus foi batizado, provado no deserto e apto para iniciar seu ministério, cujo tema central foi o Reino de Deus. Depois de ter chamado seus primeiros discípulos, foi a uma sinagoga em Cafarnaum num dia de sábado. Enquanto ensinava, um homem possesso de um espírito impuro gritou: “Que temos nós contigo, Jesus nazareno? Vieste destruir-nos? Sei quem tu és, o Santo de Deus. Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai dele” (Mc 1.24 e 25). Jesus, de fato, veio para libertar os oprimidos dos poderes malignos do reino das trevas. Este reino das trevas composto por demónios “seres malignos desprovidos de um corpo e que entram em pessoas ...”⁷ Estes seres espirituais são liderados por Satanás. Wright comenta que Deus estava reinando em Jesus e, por meio de Jesus, por intermédio de suas palavras e obras e cita Lucas 11.21: “Mas, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demónios, então o reino de Deus chegou a vós”.⁸ Jesus veio libertar da opressão do reino das trevas, precisando para isto cumprir o propósito de chamar os pecadores ao arrependimento.

1.1.2 Jesus veio chamar os pecadores ao arrependimento

Após Jesus ter chamado Levi e estando em casa dele, os discípulos foram questionados pelos fariseus e escribas sobre o fato de estar Jesus comendo com os publicanos. Apercebendo-se Jesus, fez a seguinte comparação: “Os sãos não precisam de médico, mas sim os doentes; eu não vim chamar justos, mas pecadores” (Mc 2.17).

A parábola da semente (Palavra de Deus) tem vida em si mesma e ela produz fruto de arrependimento no coração dos homens. O senhor mesmo dá oportunidade a todos ao arrependimento dos seus pecados.⁹

1.1.3 Jesus veio para estabelecer um compromisso com seus discípulos

Quando preparava os discípulos para uma investida evangelística, ele os alertou dizendo: “Não penseis que vim trazer paz a terra; não vim trazer paz, mas espada. Porque vim causar hostilidade entre o homem e seu pai, entre a filha e a mãe entre a nora e a sogra; assim, os inimigos do homem serão os de sua própria família” (Mt 10.34-36). Jesus estava dizendo aos discípulos que seriam rejeitados e hostilizados até por pessoas de sua própria família por causa do evangelho.

Para suportar a hostilidade e pressões do mundo é necessário que os filhos do Reino estejam fundamentados na Palavra do Rei e prontos a cumprir seus mandamentos. Jesus conta a parábola dos dois fundamentos para esclarecer esta verdade (Mt 7.24; Lc 6.46-49).

⁷ PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. 7.ed. Tradução de Lawrence Olson. EUA: Vida Nova, 1978, p. 97.

⁸ WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2012, p. 223.

⁹ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática: atual e exaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 343.

1.1.4 Jesus veio para estabelecer um relacionamento de comunhão com os que o receberem

Ao responder às críticas sobre o comportamento de João Batista e o seu próprio, Jesus disse: “e veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e dizem: É um glutão e beerrão, amigo de publicanos e pecadores, mas a sabedoria é comprovada por suas obras” (Mt 11.19). Jesus veio restaurar a comunhão do homem com Deus, dando oportunidade a todos, sem distinção, para um relacionamento amigável, “uma restauração da imagem de Deus no homem pode recapacitá-lo a participar do reino e anunciar à todas as nações a chegada deste glorioso reino”.¹⁰

1.1.5 Jesus veio estabelecer um reino novo e diferenciado

Quando Jesus foi interrogado pelos fariseus sobre quando o reino de Deus viria Ele respondeu: “O reino de Deus não vem com aparência exterior; nem dirão: ‘Está aqui’ ou: ‘Está ali’, pois o reino de Deus está entre vós” (Lc 17.21).

Jesus disse que o seu reino não é deste mundo. Não é análogo aos reinos existentes entre os homens. Não é um reino de esplendor riquezas ou poder terrenos. Não tem nada que ver com os assuntos civis ou políticos dos homens, exceto em suas relações morais. Suas recompensas e desfruto não são as coisas boas desse mundo. Lemos que ele consiste em “justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo”.¹¹

Kunz comenta que “[...] Jesus veio para dar uma nova e correta interpretação concernente ao reinado de Deus”. Através da parábola do remendo novo em panos velhos, Jesus mostrou que o seu ensino era superior às tradições dos fariseus.

Afirmou que veio para regulamentar os jejuns e as festas e nem para ratificar o ritual judeu. Isto teria sido como remendar um vestido velho. Esta religião cerimonial havia cumprido seu propósito. Porém, Jesus havia vindo como algo novo e melhor. A vida de liberdade não ‘cabia’ dentro dos formalismos estreitos e dos ritos do judaísmo.¹²

Jesus reforçou a mesma verdade com a parábola do vinho em odres velhos. Kunz comenta sobre o fato de que alguém se acostuma com a religião que sempre professou e tem dificuldades de deixar práticas antigas. Esta pessoa precisa experimentar o novo e, saboreando, já não vai querer mais o velho.¹³

1.1.6 Jesus veio para estabelecer um reino cujos súditos servem uns aos outros

Falando sobre a atitude dos discípulos no reino de Deus, Jesus testemunhou: “a exemplo do Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e para dar a vida em resgate de muitos” (Mt 20.28 e Mc 10.45). O Reino de Deus é um reino de servos e não de chefes, onde cada um vive em função do bem-estar do outro.

¹⁰ CARRIKER, Timóteo. **Missões na Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1992.

¹¹ HODGE, 2001, p. 1650.

¹² KUNZ, 2014, p. 48.

¹³ KUNZ, 2014, p. 52.

1.1.7 Jesus veio para reinar nas vidas dos seres humanos

Antes de entrar em Jerusalém e ser aclamado rei, Jesus fez lembrar a profecia: “Eis que o teu Rei vem a ti, humilde e montado num jumento, cria de animal de carga” (Mt 21.5). E ao entrar em Jerusalém, a maior parte da multidão, estendendo seus mantos e folhas de palmeiras pelo caminho à frente de Jesus, clamava: “Hosana ao Filho de Davi. Bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas!” (Mt 21.8). Marcos traz uma pequena variação: “Bendito o reino de nosso pai Davi”.

Jesus veio para reinar nos corações, para governar os seus filhos, não através de um sistema político, mas inaugurando o processo de redenção, como afirma Hodge: “Não só se assevera que o reino de Cristo há de abarcar paulatinamente extensão universal, mas seu progresso gradual é ilustrado de várias formas. Nosso Senhor compara seu reino a um grão de mostarda, que é a menor de todas as sementes; mas, quando cresce, se torna a maior entre as hortaliças; e ao fermento que uma mulher tomou e ocultou em três medidas de farinha, até que levedou toda a massa”.¹⁴

O reino não foi instaurado com força e violência, mas com a humildade daquele que deixou seu trono na glória e ao se tornar homem, cumpriu sua missão redentiva. O Messias, O Cristo, veio reinar nas vidas dos que o recebem. Entretanto, o Senhor Jesus veio para instaurar, mas ensinou também que voltaria para consumir o seu reino.

1.2 O Reino escatológico

“O reino não chegou plenamente”.¹⁵ Jesus revelou como seria sua vinda para a consumação do reino. Ele esclareceu que viria novamente já não mais para instaurar, mas para consumir. Jesus voltará como rei com a glória de seu Pai e desta vez não para salvar, mas para julgar aqueles que o rejeitaram como o Filho de Deus.

1.2.1 Virá como rei com a glória do Pai

Revelou que viria em glória e os que o desprezassem durante seu tempo de vida, não participariam deste reino futuro. “Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um segundo suas obras. Em verdade vos digo” (Mt 16.27; Mc 13.24-41; Lc 21.25-33). A vinda do Senhor será com grande glória: “Então o Filho do homem será visto vindo nas nuvens, com grande poder e glória” (Mc 13.26; Lc.27).

1.2.2 Virá para julgar os que o rejeitaram como Filho de Deus

Depois de sua entrada triunfal em Jerusalém, no final de um duro discurso dirigido aos escribas e fariseus, Jesus diz: “Pois desde agora vos digo que de modo algum me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor” (Mt 23.39). Jesus proferiu estas palavras depois de sua entrada triunfal em Jerusalém, portanto não estava se referindo àquela aclamação, mas referia-se à sua volta gloriosa na consumação do seu reino.

¹⁴ HODGE, 2001, p. 1650.

¹⁵ DOCKERY, 2001, p. 613.

A parábola do trigo e do joio mostra que, ao mesmo tempo em que a palavra de Deus é semeada, o inimigo também faz sua sementeira.¹⁶ No mundo, o joio e o trigo crescem juntos, isto é, as pessoas vivem juntas na terra, tanto as que amam ao Rei, quanto aos que o rejeitam. A colheita será na consumação dos séculos.

Também a parábola do homem sem vestes nupciais (Mt 22.11-14) tem um elemento chave, que é o homem que entrou na festa sem vestes apropriadas.

O convidado que não estava usando a veste nupcial, no banquete real, sem dúvida representa o pecador que se auto justifica e é como aquele que não precisa da morte sacrificial e do sangue expiatório de Cristo, para entrar no céu.¹⁷

Quando Jesus voltar, julgará todos os que o rejeitaram durante o tempo de graça, na qual foi oferecida oportunidade para todos de participarem do seu reino. Isto acontecerá quando todos povos da terra estiverem representados em seu reino e num momento em que ninguém espera.

1.2.3 Virá quando todos os povos estiverem representações em seu reino

“E este evangelho do reino será pregado pelo mundo inteiro, para testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mt 24.14 e Mc 13.10).

Desde o princípio do mundo, Deus planejou que a terra fosse cheia de seres humanos. Depois do Dilúvio, Deus repetiu a mesma ordem de multiplicação para encher a terra novamente. Também estava dentro dos planos de Deus o surgimento de muitas nações, povos e etnias. É possível dizer que, desde a dispersão da torre de Babel, surgiram muitos grupos étnicos e muitos desapareceram. Reinos se levantaram e reinos foram extintos. Esta dinâmica continua, por isso, somente Deus sabe o número total das nações a serem alcançadas e em que tempo isto sucederá.

1.2.4 Virá quando ninguém esperar

“Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim também será a vinda do Filho do homem” (Mt 24.28).

“Pois a vinda do Filho do homem se dará à semelhança dos dias de Noé. Porque nos dias anteriores ao dilúvio, todos comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca; e não se deram conta até que veio o dilúvio e levou todos; assim também será a vinda do filho do homem” (Mt 24.37-39).

“Portanto, vigiai, pois não sabeis em que dia vem o vosso Senhor; mas compreendei isto: se o dono da casa soubesse a que hora da noite o ladrão viria, vigiaria e não deixaria arrombar sua casa. Por isso, ficai também preparados, pois o Filho do homem virá numa hora que não esperais” (Mt 24.42-44).

Várias parábolas falam sobre a vigilância, estar preparados para a volta de Jesus, como a parábola do Pai de família (Mt 24.43-44), o servo prudente (Mt 24; 45-51), dez virgens (Mt 25.1-13).

¹⁶ KUNZ, 2014, p. 70.

¹⁷ KUNZ, 2014, p. 185.

O Rei certamente voltará e os filhos do reino se alegrarão e não se surpreenderão por crerem em Sua promessa. Entretanto, será uma terrível surpresa para todos os que duvidaram da veracidade desta promessa. Ele virá para julgar todas as nações como o grande Eu sou.

1.2.5 Virá para jugar todas as nações

"Quando, pois, o Filho do homem vier na sua glória, e todos os anjos com ele, então se sentará no seu trono glorioso; e todas as nações serão reunidas diante dele; e ele separará uns dos outros, à semelhança do pastor que separa as ovelhas dos cabritos; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (Mt 25 31-34). O julgamento será para os indivíduos, pois cada um dará conta de si mesmo a Deus, mas também será um julgamento das nações rebeldes. Ele virá como o grande "Eu Sou" o único Deus verdadeiro.

1.2.6 Virá como o grande "Eu sou"

Quando forçado pelo sumo sacerdote, durante seu julgamento no sinédrio a fazer uma confissão de que dizia ser o Cristo, o Filho de Deus, Jesus respondeu: "É como disseste. Contudo, digo-vos que de agora em diante vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso vindo sobre as nuvens do céu" (Mt 26.64). Marcos acrescenta o detalhe da resposta de Jesus à frase: "Eu sou" (Mc 14.62). Jesus apresentou-se como o único Deus verdadeiro que veio para ser Rei (o Cristo).

Jesus deixou bem claro qual era a sua missão como Cristo. Ele Inaugurou um tempo de libertação do reino das trevas, um tempo de arrependimento, de estabelecimento de um compromisso de obediência, um tempo de quebra de tradições velhas e inadequadas aos princípios do Reino de Deus, um tempo de serviço altruísta entre os súditos e um tempo de reconhecimento de Jesus como Rei. Enfim, Ele inaugurou um tempo de sementeira, de redenção e restauração do seu reinado entre os homens.

Este tempo terá sua continuidade até que Ele volte para consumir o que iniciou em sua primeira vinda. Será um tempo em que Jesus virá como Rei e com a Glória do Pai, como Rei e juiz das nações, virá quando ninguém esperar e virá como o Grande "Eu sou".

O reino de Deus inaugurado por Jesus veio para libertar o homem do reino das trevas e será consumado com a volta de Jesus, quando voltará como Rei para julgar as nações. Interessa, neste trabalho, confrontar o evangelho do Reino aceito pelos cristãos ovimbundos com seus aspectos culturais que vão de encontro ou que contradizem os princípios bíblicos do Reino de Deus.

2. ASPECTOS DA CULTURA QUE SE IDENTIFICAM COM OS PRINCÍPIOS DO REINO

Segundo Nicholls, "há aspectos de cada cultura que não precisam ser ameaçados nem descartados e transformados".¹⁸ Estes aspectos até contribuem para a compreensão e

¹⁸ NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização**: uma teologia do evangelho e cultura. São Paulo: Vida, 1983, p. 9.

aceitação do evangelho. Aqui, destaca-se nas crenças do povo ovimbundo a onipotência, onipresença e onisciência de Deus, a vida comunitária e a crença na continuidade da vida.

2.1 Crença na Onipotência, Onipresença e Onisciência de Deus

Nash define cosmovisão como uma série de crenças sobre os assuntos mais importantes da vida¹⁹ e o assunto mais importante é Deus, o manancial e a plenitude da vida. Sobre Deus, os ovimbundos creem que os primeiros antepassados receberam a vida dele. Esta vida é energia que impregna todo o universo.²⁰ Segundo Altuna, os bantos, dos quais se originaram os ovimbundos, não dão um nome a Deus, mas o chamam por atributos. Creem que chamá-lo pelo nome significaria ter poder sobre ele e ninguém tem poder para manipulá-lo. A tradução aproximada de algumas palavras relacionadas a Deus seria: O Altíssimo, O Excelso, o Grande, o Impenetrável.²¹ A palavra selecionada pelos missionários e aceita pelos ovimbundos para se referir a Deus é “Suku”. Não obstante, não se consegue dar uma interpretação segura sobre o significado da palavra. Altuna apresenta várias possibilidades: “o Altíssimo, o Excelso, o Grande, o Impenetrável, o que socorre as necessidades de suas criaturas, medula das árvores, o último, o primeiro de todos. Mas que talvez o mais provável fosse a derivação da palavra ‘ise-yukulu’ (o velho dos velhos) ou o Pai mais velho de todos os pais.”²² Este significado da palavra revela a crença em Deus como o criador e doador da vida a todos os seres humanos. “Para os ovimbundos Deus é o criador, o doador da força que anima os seres, para sinalizarem o realismo da existência”.²³

Entretanto, as explicações sobre Deus não provêm de uma revelação escrita como no caso do cristianismo, mas dos mitos transmitidos de geração em geração. Segundo Altuna, a noção de Deus não é ensinada, mas um instinto inato de que existe alguém por trás da existência.²⁴ Altuna também concluiu que o mundo visível revela Deus para os povos bantos. Podemos comparar esta afirmação à argumentação de Paulo: “Pois os seus atributos invisíveis, seu eterno poder e divindade, são vistos claramente desde a criação do mundo e percebidos mediante as coisas criadas, de modo que esses homens são indesculpáveis” (Rm 1.20).

A ideia de um Deus todo poderoso, criador do céu e da terra, que não pode ser manipulado, é admirável, pois assim Ele é. A concepção de um Deus que recebe ordens, um Deus que existe para nos satisfazer, como é apresentado por determinadas linhas da teologia

¹⁹ NASH, Ronald H. **World views in conflict**: choosing christianity in a world of ideas. Nashville: Zondervan, 1992, p. 3

²⁰ ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional Banto**. 2.ed. Luanda: Edição do Secretariado Ariquidiocesano de Pastoral, 1993, p. 52.

²¹ ALTUNA, 1993, p. 404.

²² ALTUNA, 1993, p. 405.

²³ GAMBÁ, Sabino Teck de. **A Odisséia do filhote bantu**: o Umbundo entre Mitos e Milagres, Contracenando com o “Beschichte”, Bultmanniano. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, p. 24.

²⁴ ALTUNA, 1993, p. 393.

da prosperidade, está muito mais distante da ideia do Reino de Deus. O Reino pertence a Ele. Nós pertencemos a Ele. Não se manipula o Rei dos Reis.

O conceito dos atributos de Deus na compreensão dos ovimbundos é bastante aproximado aos princípios encontrados na Bíblia sobre aquele que reina e é dono do universo. Relacionado a crença de um Deus supremo está a concepção de que os seres humanos devem estar em harmonia uns com os outros.

2.2 Vida comunitária

A concepção de um Deus supremo une-se à ideia de que todos os seres por Ele criados devem viver em harmonia. A unidade vital é o fundamento do sistema de crenças do ovimbundo²⁵. Todos os seres estão interligados e devem conviver harmoniosamente. Segundo Altuna,²⁶ para se compreender os costumes de povos de origem bantu, é necessário considerar o pressuposto de que existe uma união vital entre os seres.²⁷ Existe uma comunhão entre todos os seres, pois se servem de uma mesma fonte de vida.

A ênfase numa integração familiar e comunitária parte do princípio de que receberam vida dos antepassados e dão sequência a ela nesta corrente vital. A comunhão com outra pessoa da mesma família é imprescindível.

A solidariedade entre as pessoas, a comunhão e busca de harmonia entre pessoas da mesma linhagem familiar pode ser fortemente notada nos casamentos, quando duas famílias se tornam uma só, e nos óbitos, quando todos os que estão relacionados por parentesco ou por localidade devem estar reunidos. Esta vida comunitária é positiva, pois existe uma solidariedade natural entre o povo.

Os ovimbundos em geral, não são individualistas, mas prezam pelo relacionamento. Gastam tempo convivendo, conversando, procurando saber da saúde um do outro, dividindo alimento, espaço, enfim, compartilhando a vida. Alegam-se por serem muitos e sentem-se bem quando estão em coletividade. Estão próximos da cultura do reino no que diz respeito a compartilhar, conviver, ter amizade e se alegrar simplesmente por estarem juntos. Por isto, para os cristãos, o culto é uma festa, porque é um momento de reencontro e as expressões de alegria em conviver são música, dança, gritos, palmas e às vezes saltos. Esta celebração à vida, prazer de estar juntos, é algo que vale a pena conservar! A preocupação pela preservação da linhagem produz solidariedade entre famílias e tribos. A vida em comunidade é parte fundamental de sua cultura.

“A vida em comum, em solidariedade, a reciprocidade, o calor, o amparo, a dedicação, a generosidade, a amizade, e a defesa comunitária são as manifestações mais belas e decisivas da cultura banto”.²⁸ O homem dificilmente está sozinho e sim interligado com a comunidade e seus valores são comunitários. Raramente se encontrará uma casa, ainda que pequena, habitada apenas por uma ou duas pessoas. Filhos e outros agregados vivem juntos e sentem-

²⁵ Grupo étnico linguístico que vive no centro sul de Angola originários dos bantos ou povos negros da África.

²⁶ Padre de nacionalidade espanhola que viveu muitos anos em Angola.

²⁷ ALTUNA, 1993, p. 46.

²⁸ ALTUNA, 1993, p. 204.

se completamente à vontade dividindo pequenos espaços. Entretanto, a solidariedade dos ovimbundos certamente não é perfeita, mas, sem dúvida, a vida comunitária deste povo serviu de abertura para a mensagem do cristianismo e para a compreensão do pressuposto de que, através de Jesus, somos família de Deus e membro uns dos outros. Além da solidariedade, outro elemento que prepara o coração deste povo para compreender as verdades do reino eterno inaugurado por Jesus é a crença na continuidade da vida.

2.3 Crença na continuidade da vida

O nascimento de bebês é imprescindível para a continuidade da vida e a quantidade de filhos gerados é muito importante para a maioria do povo. Esta é uma maneira da vida abundar e ser continuada. Muitos acreditam que há mais probabilidade dos pais não serem esquecidos quando vivos ou depois de mortos se tiverem gerados filhos.

Compreender o que uma pessoa pensa sobre o que vem depois da morte é muito importante. O que ela crê sobre o seu destino final, determina como viverá nesta terra. A morte e o que vem depois dela é uma preocupação universal e os ovimbundos também tem sua filosofia a respeito deste assunto:

Apesar da perturbação causada pela morte, o banto morre com o consolo de que o ser que habita em seu corpo material com a morte começa a viagem, ao encontro de seus ancestrais. A imortalidade não alcançada do corpo visível e natural que almejava, é minimizada, com os fundamentos que determinam sua cosmovisão. A morte não elimina os laços vitais. Acredita os umbundos que, vive-se morrendo e morrendo vive-se.²⁹

A ausência de revolta de muitas pessoas em relação à morte é explicada pela certeza de que existe uma continuidade e que a morte é uma passagem de um estado para o outro. Embora seja uma ideia incompleta, prepara o coração para entender a eternidade. Em geral, a pessoa de etnia umbundo não costuma se desesperar facilmente diante das mazelas da vida. Na cosmovisão mais antiga do povo ovimbundo, não existiam mortos, mas espíritos vivos e conscientes. A morte é uma passagem. As pessoas encontram-se numa outra dimensão, mas seus espíritos vivem.

Há muito mais para se apreciar na cultura dos ovimbundos que vão de encontro aos princípios do Reino de Deus, mas estes três são suficientes para comprovar os elementos supraculturais divinos na cosmovisão dos ovimbundos.

Entretanto, elementos supraculturais diabólicos estão presentes em toda cosmovisão e não é diferente na cultura dos ovimbundos. Entre estes elementos, este trabalho pretende destacar: a crença de que Deus está distante, de que o homem é o centro de tudo, a necessidade de culto aos antepassados e o medo aterrador do sobrenatural.

²⁹ GAMBA, 2010, p. 46.

3. ASPECTOS DA CULTURA QUE CONTRARIAM OS PRINCÍPIOS DO REINO

Nicholls ressalta que alguns de nós “são lentos para refletir criticamente sobre o impacto da sua própria herança cultural e experiências pessoais sobre seu modo de entender e interpretar o evangelho”.³⁰ Embora o ovimbundo creia que Deus é Onipotente e Onipresente, muitos deles não acreditam que Deus interfira na vida do homem e isto pode estar relacionado aos fatores culturais que não foram devidamente analisados criticamente. Na maioria dos mitos bantus, por exemplo, predomina a ideia de que Deus criou e viveu entre os homens em harmonia com este, mas um dia aborreceu-se com sua desobediência e se afastou.

3.1 Crença num Deus indiferente

Olson Grenz diferencia a transcendência e imanência, dizendo que crer que Deus é autossuficiente e não precisa do mundo para existir, que ele está acima do universo e muito além do mundo é crer que Deus é transcendente. Crer que Deus está presente em sua criação e ativo no universo, envolvido nos acontecimentos do mundo e da história humana é crer na sua imanência. Defende uma posição equilibrada em que Deus está além do mundo e ao mesmo tempo presente no mundo, isto facilita uma relação adequada entre Teologia, a razão e a cultura.³¹

A expressão ‘A Suku Yange’ (Ah, meu Deus!) pode significar que Deus está perto e ouvindo, mas não necessariamente agindo. Embora Deus esteja entre os homens, raramente age a favor deles. Acreditam que Deus deixou normas éticas para que os homens vivam em harmonia.³² Portanto, o ovimbundo crê em Deus como o causador da vida, o criador dos homens e de todo o universo, mas que o abandonou e que se mostra indiferente aos seus problemas do dia a dia. Assim sendo, o que acontece na vida quotidiana não tem causalidade em Deus. Ele é o causador final por ser soberano, mas os fenômenos são causados por interferências espirituais.

Quando não conseguem explicar um acontecimento, muitas vezes pessoas do povo ovimbundo atribuem-nos aos poderes místicos. A vida é para estas pessoas, misteriosa e dirigida pelo sobrenatural. A causa de tudo para o ovimbundo é atribuída a pessoas que manipulam poderes mágicos ou aos espíritos irados dos antepassados familiares. Ao mesmo tempo, em alguns casos é atribuído a Deus aquilo que não se pode manipular, tendo então uma atitude de resignação e raramente de revolta. No entanto, esta crença contraria o pressuposto bíblico de que Deus continua se interessando e intervindo na história do homem a quem ele mesmo criou. Deus está presente (Salmo 139).

Um considerável número de ovimbundos crê em Deus, mas Ele não está no centro de sua vida. O centro da vida é o próprio ser humano e que de fato interessa é sua autossatisfação.

³⁰ NICHOLLS, 1983, p. 8.

³¹ GRENZ, Stanley; OLSON, Stanley. **A teologia do século 20**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 9.

³² ALTUNA, 1993, p. 397.

3.2 Antropocentrismo

A perceptível respeitosa formalidade entre os ovimbundos denota normas comportamentais que visam manter a harmonia com os outros. A frase repetida muitas vezes: 'Fica assim'. Quando não se quer contrariar uma opinião demonstra que estar em paz é mais importante do que se provar ter razão em algum assunto. Este conceito exemplifica o que o ovimbundo normalmente crê sobre os relacionamentos entre os vivos. Um problema com alguém que vive pode trazer consequências, pois este pode recorrer a feitiçaria, envenená-lo ou fazer-lhe algum outro mal. Para estes, Deus também não impedirá o mal, pois deixa os vivos à mercê do poder dos espíritos desencarnados dos mortos que vagueiam pela terra. Neste caso, Deus não intervém na vida dos seres humanos, mas deixa esta tarefa a cargo dos feiticeiros e curandeiros.³³

Portanto, o uso da magia é justificável para manter a harmonia, a paz entre os seres. Lídório explica como utilitarismo é motivo para justificar a magia.³⁴ Muitos pensam que o importante é a felicidade do homem. Pode-se chamar a isto de antropocentrismo – o homem no centro de tudo, manipulando tudo. O homem na busca poder e felicidade procura manipular forças sobrenaturais para poder viver em paz e morrer em idade avançada. Muitos acreditam que os antepassados que estiverem contrariados com sua conduta possam tirar a sua paz e prosperidade e por isto procura honrá-los e homenageá-los.

Segundo a Bíblia, no Reino de Deus, Deus é o Rei. O homem não pode ocupar o trono que pertence a Ele. A glória de Deus é a razão da existência do homem. Por se revoltar contra este princípio e querer ser Rei no lugar de Deus, o homem trouxe sobre si a maldição da morte.

Todos os homens buscam explicações para a morte. Grande parte dos ovimbundos creem que a morte não é o fim para aqueles que são lembrados pelos vivos e, quando esquecidos, tentam chamar a atenção dos familiares para que se lembrem deles. Os vivos, para não serem incomodados pelos que já passaram pela morte, praticam tradições e ritos prestando a eles homenagens.

3.3 Culto aos antepassados

Pode-se verificar conflitos familiares entre os ovimbundos, mas normalmente eles acontecem entre famílias diferentes e por isto precisa de pessoas intermediárias para restabelecer a harmonia entre elas e fortalecer a unidade da comunidade. Quando se tem problemas com uma pessoa, terá também com toda a família dela. Os laços consanguíneos são valorizados e defendidos até depois da morte. Quando alguém descobre que tem algum laço familiar com outra pessoa, passa a tratá-la de forma mais amigável. Os laços são estendidos entre pessoas que descobrem ser oriundas de uma mesma aldeia ou linhagem.

Não se busca harmonia somente entre vivos, mas também com os espíritos dos que já morreram fisicamente, pois existem aqueles que creem na existência continua numa forma invisível. Para tanto, as oferendas ou comidas colocadas num canto da casa ou numa casota

³³ GAMBA, 2010, p. 25.

³⁴ LIDÓRIO, Ronaldo. **Antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 91.

no quintal são tradições observadas para mostrar ao espírito ancestral de que estão lembrando-se dele. Não acreditam que os antepassados comerão a comida, mas de que estes agradecerão o gesto e retribuirão com benefícios. É atribuído a estes espíritos poderes sobre a vida dos vivos.

A tradição de comer juntos depois do funeral é para muitos ovimbundos, hoje em dia, principalmente para os cristãos, uma forma de comunhão e consolação aos que perderam o ente querido. Entretanto, ainda paira, de forma consciente ou inconsciente, na mente de outros tantos, que é necessário fazer uma festa com muita comida e bebida em homenagem do falecido para ajudá-lo a se conformar com seu novo estado. Comer juntos para alguns é obrigatório, para que o espírito não dê por conta da sua ausência. É de ressaltar que alguns não faltam para que também sua família não fique sozinha quando ele (o que faltou) venha a falecer.³⁵

O medo das ações dos antepassados que interferem na vida dos vivos e os rituais e ofertas para agradá-los é contra o princípio de soberania de Deus sobre a vida e destino dos que, uma vez que se separam deste corpo, aguardam a ressurreição final.

A crença de que se deve agradecer os antepassados também leva à procura dos adivinhos. A reverência pela memória dos antepassados é motivada mais pelo medo do que pelo respeito.

3.4. Medo do sobrenatural

O pressuposto de que os mortos são os familiares que continuam existindo e precisam ser lembrados para que sua vida não se extinga prende o ovimbundo a uma série de rituais e tradições. O medo é um sentimento constante na vida do ovimbundo. Este medo provém do pressuposto de que sempre alguém pode fazer-lhe o mal, pode enfeitiçá-lo.

O ovimbundo é geralmente muito discreto e não costuma revelar seus planos para que os vivos ou os mortos não procurem frustrar seus intentos. Alguém pode querer atrapalhar sua felicidade ou prosperidade.

Por entender que existe uma comunicação com aqueles que já morreram procuram saber as causas do que acontece de ruim em sua vida. Acreditam que os bons sonhos são provenientes de Deus ou de algum antepassado e que os pesadelos são mensagens ou avisos provenientes de antepassados ou de feiticeiros. Como afirmou Munza, o espiritual é responsável por todas as coisas boas ou más que acontecem no mundo físico. Há uma intercomunicação entre as duas esferas através de sonhos, visões e sinais.³⁶

Como pensam que todo o sonho é uma mensagem do sobrenatural, sentem medo de algumas pessoas que contam sonhos e que chegam a ser tidas como feiticeiras. Alguns têm a sensação de que estão sempre sendo perseguidos, este medo pode ser real ou imaginário. O constante medo de perder a harmonia tira a paz do seu coração. O medo dos feiticeiros e dos bruxos supera o temor a Deus.

³⁵ Análise de discursos informais em comunidades de ovimbundos.

³⁶ MUNZA, Kasongo. **A letter to Africa about Africa**. Johannesburg: Trans-World Radio, 2008, p. 11.

Jesus disse que não deveríamos temer os que tiram a vida, mas não tem poder sobre os nossos destinos eternos. A ideia de que os feiticeiros têm mais poder do que os crentes é uma mentira do inimigo, crível por muitos que já são cristãos. Se o não crente põe a culpa de tudo o que acontece de ruim aos antepassados e por isto os temem, por outro lado, os que entenderam e creram que os espíritos não perambulam na terra, mas os demônios e Satanás transferem seus medos dos mortos para o medo de Satanás. A culpa das coisas ruins que acontecem é do Diabo e não da pessoa que deu ouvidos ao Diabo. O medo do feiticeiro como alguém que lida com as obras dos maus espíritos é presente no dia a dia das pessoas. As causas das doenças e mortes são atribuídas a poderes maléficos. O medo e a raiva de quem possa ter causado o mal é notório nas conversas das pessoas. Este medo dos mortos, dos feiticeiros e do Diabo não honra a Deus como Rei, que detém todo o poder no céu e na terra.

É necessário que os crentes ovimbundos sejam libertos das crenças e tradições contrárias aos princípios bíblicos; precisam ser libertos do medo que os leva à prática dos rituais que perpetuam crenças falsas. A ideia de um Deus distante e centralidade do homem precisa ser banida do consciente e subconsciente dos crentes. Precisam ser libertos pela confiança nas promessas do Rei Salvador Jesus Cristo.

4. PRESSUPOSTOS QUE PRECISAM SER COMPREENDIDOS, CRIDOS E VIVIDOS SOBRE O REINO DE DEUS

“A conversão abrange as três dimensões da cultura: cognitiva (crenças), afetiva (sentimentos) e avaliadora (normas)”.³⁷ Uma compreensão dos pressupostos bíblicos sobre o Reino de Deus e suas promessas é imprescindível para uma verdadeira mudança de cosmovisão que liberte o povo ovimbundo do medo dos espíritos e dos feiticeiros.

4.1 Pressupostos sobre o Reino Presente

Jesus inaugurou o Reino e explicou a natureza espiritual dele. Jesus veio para estar conosco, para libertar os homens da escravidão do pecado e de toda a opressão consequente a ele.

Entregaram-lhe (a Jesus) o livro do profeta Isaías; ele o abriu e achou o lugar em que estava escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim porque me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos presos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos’ e para proclamar o ano aceitável do Senhor. [...] Então ele (Jesus) começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabais de ouvir (Lc 4.20).

Jesus veio libertar os povos dos pressupostos incutidos na mente dos homens por Satanás. Veio libertar das influências diabólicas na cosmovisão dos povos. Satanás convenceu a alguns de que Deus não existe, mas, como a maioria das pessoas não conseguem crer nesta mentira, ele convenceu muitos outros de que Deus existe, é Criador, mas não se importa com

³⁷ HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 340.

a vida e destino de sua criação. Reforçou sua mentira fazendo crer que seu reino tem mais poder do que o Reino de Deus, argumento que utilizou ao tentar o Senhor Jesus (Mc 4.8,9). Não satisfeito, outro pressuposto mentiroso incutido por Satanás: O reino das trevas é poderoso, mas Deus como é bom, deu poderes a alguns homens para manipularem o poder do bem e do mal, podendo ocupar o lugar de Deus.

4.1.1 Jesus é Deus e inaugurou seu reino entre os homens – Ele está conosco

João, testemunha ocular da inauguração do reino de Deus entre os homens, confirma o que o Senhor Jesus ensinou acerca dele mesmo: “Eu Sou” (Mc 14.61-62). “E nós temos visto e testemunhado que o Pai enviou seu Filho como salvador do mundo. Todo aquele que confessa que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus” (1 Jo 4.13-15).

Para a maioria dos povos bantos, Deus se aborreceu com os homens e os abandonou. Pela observação da natureza, o ovimbundo crê que Deus é o criador, mas não se importa com o homem. Deus é inacessível e distante.

As Escrituras nos afirmam que Jesus é o plano de Deus para restabelecer sua comunhão conosco. Jesus é Deus conosco (Lc 1.23). Ele irrompeu a história para restabelecer a harmonia perdida com a desobediência do ser humano. Deus que é o rei dos reis, o Criador, decidiu se tornar como uma criatura, na forma de servo para que, morrendo e ressuscitando, através do seu Espírito voltasse a ocupar seu lugar nos corações dos homens. Veio para estar conosco e em nós (Fp 1.6-10). Porque nos ama, veio reinar em nós e não nos abandona, nem nos abandonará (Mt 28.20). E porque nos ama, cuida de nós. Jesus tem todo o poder para interferir na vida das pessoas.

O segundo pressuposto mentiroso do inimigo é que: Deus existe, está conosco, mas o reino das trevas é mais poderoso. Assim, o inimigo escraviza o homem ao medo do reino das trevas. Jesus promete libertação deste medo.

4.1.2 Jesus veio libertar do poder do mal – Ele é onipotente

Jesus ensinou que não se deve temer os homens ou outros seres. Deve-se temer aquele que decide onde nós passaremos a eternidade.

Satanás implementou o medo no coração das pessoas para que sejam escravas dele. A mensagem do inimigo é: tenham medo de mim, tenham medo dos demônios, tenham medo dos fantasmas, tenham medo dos feiticeiros. O medo escraviza e não provem de Deus. De Deus provém o amor que lança fora o temor. “No amor não há medo pelo contrário, o perfeito amor elimina o medo, pois o medo implica castigo e quem tem medo não está aperfeiçoado no amor” (1 Jo 4.18).

Deus, em Jesus, provou seu poder e os ensinou a confiar nele. Quando os discípulos temeram a morte, estando em meio a uma tempestade: Jesus lhes disse: “Porque temeis, homens de pequena fé?” (Mc 8.25-27). Pessoas que atribuem as causas dos problemas da vida aos espíritos e feiticeiros diriam que eles ou Satanás teriam causado a tempestade. Entretanto, os judeus atribuíam a Deus as bênçãos e maldições. Buscaram socorro no mestre e viram o Seu poder capaz de acalmar os ventos e o mar.

O amor de Deus Pai nos liberta do temor do reino das trevas e nos garante o cuidado de um rei que é Pai e Salvador, “socorro bem presente na angústia” (Sl 46.1). É preciso assimilar o pressuposto de que Jesus tem todo o poder e de que temos livre acesso ao Pai. É preciso crer que Ele, não somente tem poder, mas que interfere em nossas vidas, ajudando-nos em tudo o que precisamos. É preciso crer no amor de Jesus que usa sua onipotência para cuidar de nós.

O terceiro pressuposto mentiroso que se pretende confrontar e solucionar é de que, sendo Deus indiferente e o reino dos espíritos poderoso para tirar nossa paz, harmonia e felicidade, Deus como é bom, deu poderes ao homem para manipular as forças espirituais. Isto faz do homem o rei de sua própria vida.

4.1.3 Jesus veio para ser o nosso rei – Ele é o Senhor

Lidório aborda o aspecto utilitário da magia, concluindo que magia é a manipulação de elementos (cobertos por uma força) impessoais, de forma a causar um efeito extraordinário. De certa forma, portanto, a magia está centralizada no homem servindo aos seus desejos.³⁸

O pressuposto que está por trás da magia é que os espíritos dos antepassados podem atrapalhar o bem-estar e a felicidade do homem. O indivíduo está preocupado em estar em paz, em conseguir prosperidade, o coração de alguém que cobiça para si ou outros desejos não se importando os meios a usar, inclusive a magia. A ideia de estar em paz com vivos e com mortos, leva os ovimbundos a procurarem adivinhos e feiticeiros para rituais, bem como o cumprimento de vários preceitos e tradições.

O homem que pensa poder resolver com seus poderes está se colocando no lugar do Rei. Ele torna-se seu próprio rei. Não compreende que quando age assim, o inimigo tornar-se o rei da vida dEle (Mt 6.24).

Jesus veio para ocupar o seu lugar. É necessária uma entrega de vida real e abandonar toda e qualquer tradição que contrarie esta verdade. É preciso desejar ver pessoas transformadas pelo Espírito Santo em discípulos de Jesus.³⁹

Os pressupostos da inauguração do Reino por Jesus garantem a certeza de um Deus presente, que cuida e que está no centro de nossas vidas. O homem não precisa e nem deve buscar soluções nos ritos e tradições contrários aos princípios do Reino. É necessário compreender que este Reino será consumado e que os pressupostos do Reino consumado devem reger nossa vida enquanto aguardamos por ele.

4.2 Pressupostos sobre o Reino Escatológico

“O reino de Deus afirma o presente governo de Deus e aponta para o governo final de Cristo na terra, no futuro” ... “qualquer que receba Cristo experimenta o poder do reino da era vindoura”.⁴⁰ O ovimbundo precisa considerar que, embora o pressuposto de que a vida

³⁸ LIDÓRIO, 2011, p. 92.

³⁹ KIMBALL, Dan. **A igreja emergente: cristianismo clássico para as novas gerações.** São Paulo: Vida, 2008, p. 107.

⁴⁰ HIEBERT, 2016, p. 306.

continua seja bíblico, a ideia de que os mortos ainda podem interferir na vida dos que ainda vivem na terra é uma influência diabólica na cultura. É preciso um retorno aos ensinamentos de Jesus sobre a vida após a morte.

4.2.1 Jesus virá para aniquilar o reino das trevas e consumir o Seu reino

Tanto os que receberam a Jesus como Salvador quanto os que não o receberam aguardam o juízo final numa dimensão fora do limite do tempo presente. Não existe base bíblica para a existência de fantasmas. Em certa ocasião, os discípulos confundiram Jesus andando sobre o mar com um fantasma, denotando uma influência estranha aos pressupostos do Antigo Testamento. Eles pareciam crer em fantasmas, mas Jesus, disse para eles não terem medo (Mt 14.23).

Jesus expulsou demônios. Não se tratava de espírito de pessoas que perambulavam ou que possuíam outras pessoas, mas de espíritos chamados de imundos ou demônios (Mt 8.28; 9.32). Não são os mortos, mas os demônios que perambulam; entretanto, eles devem ser expulsos e não agradados. O destino final deles será o mesmo com o Diabo e aqueles que não receberam a Jesus como Rei, o castigo eterno.

4.2.2 Jesus separará os que não pertencem ao seu reino

Jesus ensinou que, quando ele voltasse para consumir o seu reino, separaria os que o receberam como Rei dos que o rejeitaram (Mt 25.31-46).

Os ovimbundos, que não têm uma compreensão correta sobre o reino escatológico, entendem a continuidade da vida como um reencontro com todos os antepassados de sua família ou clã. Entretanto, Jesus deixa claro que haverá, sim, um reencontro com os antepassados que pertencem a família de Deus para estarem juntos no “reino que está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25.31). Mas também os que não se uniram a Jesus nesta vida terrena irão para o castigo eterno (Mt 25.46). Assim, a reunião final não será por laços consanguíneos, mas pelos que foram unidos pelo sangue de Cristo derramado na Cruz.

Portanto, o coração do ovimbundo entregue ao Rei Jesus, deve tranquilizar-se e confiar que aqui na terra, está sob proteção de Deus e nada acontece sem que Ele permita e cada um dará conta de si mesmo a Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reino de Deus foi inaugurado com a vinda de Jesus. Ele veio para libertar-nos dos poderes do reino das trevas; veio para chamar ao arrependimento e participação do Reino do Seu Pai; veio estabelecer compromisso com seus discípulos e estabelecer um reino novo e diferenciado de súditos que servem, veio reinar na vida dos seres humanos.

O reino de Deus será consumado com a segunda vinda de Jesus. Ele virá com Sua glória julgar os que o rejeitaram; virá quando todos os povos da terra tiverem ouvido o evangelho; virá quando ninguém esperar, para julgar todas as nações; Ele virá como o grande Eu sou, com a glória do Pai.

A crença na existência de Deus, a vida comunitária e a crença na eternidade são valores a serem preservados. Entretanto as crenças de que Deus está distante, de que o homem é o centro de tudo, a necessidade de culto aos antepassados e o medo aterrador do sobrenatural devem ser deixados. É necessário que os crentes ovimbundos sejam libertos das crenças e tradições através da compreensão do reino e submissão ao Rei Jesus, sendo assim libertos do medo que os leva a prática dos rituais e procura da intermediação de feiticeiros e adivinhos.

Haverá um reencontro com os antepassados que pertencem a família de Deus. Todos os que receberam o reino estarão juntos e aqui na terra devem viver confiantes no seu Rei e vivendo para a Sua glória!

REFERÊNCIAS

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional Banto**. 2.ed. Luanda: Edição do Secretariado Ariquidiocesano de Pastoral, 1993.

BÍBLIA SAGRADA. **Almeida século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

CARRIKER, Timóteo. **Missões na Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1992.

DOCKERY, D. (edit). **Manual bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

GAMBA, Sabino Teck de. **A Odisséia do filhote bantu: o Umbundo entre Mitos e Milagres, Contracenando com o “Beschichte”, Bultmanniano**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo.

GRENZ, Stanley; OLSON, Stanley. **A teologia do século 20**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática: atual e exhaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HODGE, Charles. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

KIMBALL, Dan. **A igreja emergente: cristianismo clássico para as novas gerações**. São Paulo: Vida, 2008.

KUNZ, Claiton. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MUNZA, Kasongo. **A letter to Africa about Africa**. Johannesburg: Trans-World Radio, 2008.

NASH, Ronald H. **World views in conflict: choosing christianity in a world of ideas**. Nashville: Zondervan, 1992.

NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura**. São Paulo: Vida, 1983.

PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. 7.ed. Tradução de Lawrence Olson. EUA: Vida Nova, 1978. 233p.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2012.